

## **OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E AS NOVAS ÁREAS DE CENTRALIDADE EM CAMPINA GRANDE<sup>1</sup>**

Péricles Alves BATISTA

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (Campus João Pessoa) e membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). E-mail: pericles.geo@hotmail.com

Ademir Araújo da COSTA

Professor Associado IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lotado no Departamento de Geografia, sendo professor do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (UFRN) em nível de mestrado e doutorado. E-mail de contato: ojuarademir@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho aborda o processo de formação e expansão de novas áreas de centralidades em Campina Grande - Paraíba, localizada no Nordeste brasileiro. Para este estudo, nos baseamos na teoria dos dois circuitos da economia urbana do geógrafo Milton Santos, elaborada na década de 1970. Dessa maneira, utilizar esta teoria será uma tentativa de rediscuti-la à luz da realidade atual dos países subdesenvolvidos, da qual a cidade objeto de estudo está inserida. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica. Foram escolhidas algumas vias, denominadas aqui de eixos de desdobramento do centro principal, a fim de analisarmos o circuito superior e inferior na cidade em questão.

**Palavras-chave:** Centralidades; centro principal; teoria dos dois circuitos; Campina Grande.

## **LOS DOS CIRCUITOS DE LA ECONOMÍA URBANA Y LAS NUVAS ÁREAS DE CENTRALIDAD EN CAMPINA GRANDE**

**RESUMEN:** Este trabajo se aborda el proceso de formación y expansión de nuevas áreas de centralidades de Campina Grande - Paraíba, ubicada en la región nordeste de Brasil. Para este estudio, nos basamos en la teoría de los dos circuitos de la economía urbana del geógrafo Milton Santos, desarrollado en la década de 1970. De este modo, el uso de esta teoría es un intento de rediscutirla a la luz de la realidad actual de los países subdesarrollados, de la cual, la ciudad objeto del estudio se inserta. La metodología consistió en investigación bibliográfica. Fueron elegidas algunas vías, denominadas aquí de ejes de desdoblamiento del centro principal, para analizar el circuito superior e inferior en la ciudad en cuestión.

**Palabras-clave:** Centralidades; centro principal; teoría de los dos circuitos; Campina Grande.

## **TWO CIRCUITS OF URBAN ECONOMY AND NEW AREAS OF CENTRALITY IN CAMPINA GRANDE**

**ABSTRACT:** This work investigates the process of formation and expansion of new areas of centrality in Campina Grande - Paraíba, located in the Brazilian Northeast region. This study was based on the theory of two circuits of the urban economy by the geographer Milton Santos, developed in the 1970s. Thus, using this theory is an attempt to rediscuss it in the light of the underdeveloped countries' current reality, in which the city studied is inserted. The methodology included bibliographical investigation. Some pathways were chosen, termed here the axis of extension from the main center into the road network, in order to analyze the upper and lower circuit in the studied city.

**Key-words:** Centralities; main center; theory of two circuits; Campina Grande.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do trabalho de final de curso da disciplina “A Cidade e os Circuitos da Economia Urbana”, como requisito para sua conclusão no semestre de 2013.2, dentro do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN.

## **1. INTRODUÇÃO**

A importância em estudar o processo de formação e expansão de novos eixos de desdobramentos do centro principal de Campina Grande-PB, dá-se pela necessidade em entender a formação de novas áreas de centralidade, a partir da implantação de atividades comerciais e de serviços. Este fenômeno tem se intensificado na cidade na última década, sobretudo, a partir da implementação de empreendimentos de capitais de outras regiões, ou até mesmo de fora do país.

O presente artigo refere-se à pesquisa que estamos realizando nas principais vias de acesso ao Centro da cidade, aqui chamadas como eixos de desdobramentos<sup>2</sup> do centro principal, a fim de entendermos as modificações e reestruturações presentes no espaço urbano campinense, durante a última década. Além disso, busca revelar a formação de novas áreas de centralidade nesses eixos de desdobramentos do centro principal, a partir da instalação de variados empreendimentos, tais como, supermercados, shoppings, lojas de franquias e outros equipamentos de serviços em geral instalados recentemente.

Para este estudo, nos baseamos na teoria dos dois circuitos da economia urbana do geógrafo Milton Santos, elaborada na década de 1970. Dessa maneira, utilizá-la para analisar o comércio informal no Centro Tradicional de Campina Grande, bem como a formação de novas áreas de centralidades nos seus principais eixos viários, será uma tentativa de discutir esta teoria à luz da realidade atual dos países subdesenvolvidos, na qual a cidade objeto de estudo está inserida.

Para isso, ao estudarmos o processo de formação e expansão dos eixos de desdobramentos do centro principal, faremos a relação aos dois circuitos através da identificação de alguns dos componentes que fazem parte de cada um deles. Sendo assim, no que diz respeito ao circuito superior, analisaremos a distribuição de agências bancárias e empresas de capital externo, enquanto que no circuito inferior, dialeticamente, trataremos de analisar a distribuição do comércio informal.

Esta pesquisa busca ainda revelar um processo que vem desencadeando várias alterações no espaço urbano de Campina Grande, sobretudo a formação de novas centralidades, particularmente em áreas que outrora possuíam um perfil exclusivamente residencial, mas têm passado por reformulações intensas na última década, configurando-se em uma importante área prestadora de serviços e aglutinadora de fluxos originários não apenas de outros bairros da cidade, como também de outros municípios do interior do estado e de estados vizinhos.

Sendo assim, o presente trabalho tem a intenção de apresentar novas reflexões a partir da teoria dos circuitos da economia urbana, levando em consideração a dinâmica recente da cidade, bem como rever o que há de novo nos últimos dez anos.

---

<sup>2</sup> Para o entendimento do conceito original de “desdobramento”, ver Beaujeu-Garnier (1966).

## 2. CAMPINA GRANDE NO CONTEXTO DE CIDADE MÉDIA

O município de Campina Grande é o segundo maior e mais populoso do estado da Paraíba, com uma população de 385.213 habitantes, de acordo com a contagem do IBGE (2010). Trata-se de um considerável contingente populacional, levando em conta a sua localização interiorana, como veremos mais adiante.

Costa (2003, p. 38), abordando sobre a classificação de Campina Grande, enquanto importante cidade média na hierarquia urbana brasileira, destaca a atração populacional dessa cidade, provocada pelo processo de urbanização. O autor afirma que “Nos anos setenta (séc. XX) as cidades médias passaram a ser consideradas aquelas que tinham população superior a 100.00 hab., cifra que Campina Grande já ultrapassara em 1960.”

Também não poderíamos deixar de mencionar a emergência dessa cidade como tecnopolo na região Nordeste. Apresenta um conceituado centro tecnológico formado pela Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESQ), Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTc-PB), além de contar com numerosas empresas que atuam na área de informática e eletrônica, principalmente na produção de *softwares*. Essa característica explica-se, em parte, pelas transformações ocorridas na sua economia nas duas últimas décadas, sentidas pelo advento da reestruturação produtiva<sup>3</sup>, das mudanças nos processos de trabalho e em face das novas tecnologias que se estabeleceram na cidade (PONTES, 2006, p. 337).

Quando se discute cidades médias, procurando analisar mais profundamente essa temática, percebe-se, de imediato, a tamanha complexidade. Isso ocorre tanto se pensarmos na noção, que exige reflexão, como pela diversidade das cidades consideradas médias no país, cada qual com sua especificidade própria, seja no seu contexto histórico, seja no que se refere às dinâmicas regional, econômica, social ou cultural.

Tais diferenças existentes nesses espaços urbanos representam um enorme desafio à análise geográfica. Dessa maneira, para Castello Branco (2006, p. 246), “As definições de cidades médias e de seu papel na rede urbana constituem uma problemática relevante no âmbito da geografia urbana”. Atualmente, no tocante a discussão sobre “cidade média”, vários autores contemporâneos do pensamento geográfico brasileiro se debruçam sobre o tema. Entre eles, podemos citar a contribuição de nomes como Maria Encarnação Spósito, Denise Elias, Arthur Whitacker, Oscar

---

<sup>3</sup> As mudanças ocorridas com os novos processos produtivos a partir das inovações tecnológicas e das alterações nas relações de trabalho constituem a “Terceira Revolução Industrial”, que consiste na chamada reestruturação produtiva. Entre alguns estudiosos do assunto, podemos citar Singer (2003), Harvey (1989) e Stopper (1990).

Sobarzo, Beatriz Soares, William Silva, entre outros.

Ainda a respeito da noção de cidade média, Sposito afirma que essa expressão corresponde mais a uma noção do que a um conceito propriamente dito, “pois tem servido para designar cidades com população entre 200 mil e 500 mil habitantes” (2001, p. 239). Dessa forma, para a análise da cidade média faz-se necessário que não se considere apenas o tamanho demográfico, as funções urbanas e a organização do espaço intraurbano de forma isolada, mas sim a análise de combinação de outros elementos, como o grau de urbanização, a qualidade de vida e a centralidade nesses centros urbanos.

Não obstante, a respeito da temática em questão, utilizaremos para esse texto de dimensões reduzidas, apenas os pressupostos discutidos pelo professor Roberto Lobato Corrêa (2007, p.29), para abordar a constituição de um quadro teórico sobre a cidade média. Este autor admite a necessidade de se considerar três elementos compreendidos como essenciais, como “a presença de uma elite empreendedora, a localização relativa e as interações espaciais”. Dessa maneira, vamos analisar isoladamente o caso de Campina Grande enquanto cidade média, entendendo a sua especificidade, a partir das considerações feitas pelo autor supracitado.

O primeiro critério para se considerar uma cidade média, segundo Corrêa (2007), trata-se da necessidade de haver uma elite empreendedora, sendo esta cidade, antes de tudo, um local de concepção, de tomada de decisões e acumulação de capital. Esse parece ser o caso de Campina Grande que, desde muito tempo, teve uma elite empreendedora, que surgiu e se consolidou graças à comercialização do algodão, principal produto da sua economia durante todo o século XIX até a primeira metade do século XX. Portanto, a elite da cidade era originalmente mercantil. Sobre essa elite empreendedora local, Cardoso (2000, p.42) afirma:

Contudo, foi com o desenvolvimento da cultura do algodão que a cidade de Campina Grande adquiriu sua principal condição de centro comercial. Os comerciantes campinenses tornaram-se agentes financeiros ao implantar os primeiros bancos; bancos privados locais que surgiram como sociedades cooperativas, primeiramente, e posteriormente foram absorvidos por estabelecimentos financeiros nacionais. O algodão do Nordeste foi o motor do enriquecimento e modernização de Campina Grande.

Andrade (1977, p. 37), ao tratar de Campina Grande como polo de desenvolvimento na região Nordeste, destaca especificamente o “espírito empreendedor de sua gente, ao grande desenvolvimento comercial, assim como a uma série de fatores outros”. A respeito do papel da elite local, Corrêa (2007, p. 29) entende que esta, quando se constitui empreendedora, “estabelece uma relativa autonomia econômica e política numa cidade, criando interesses locais e regionais, competindo em alguns setores de atividades com as grandes cidades e centros metropolitanos”.

No auge da sua economia, sobretudo entre fins do século XIX e início do século XX, Campina Grande chegou, inclusive, a disputar a comercialização do algodão com outros centros de comércio distantes, como afirma Cardoso (2000, p. 30 - 31), “por volta da década de 1930, a cidade é uma das principais cidades do interior nordestino, destacando-se pelo intenso comércio de algodão na condição de terceira praça algodoeira do mercado mundial.” Segundo ainda o referido autor, “foi o capital acumulado durante décadas na produção industrial tradicional dos derivados do ‘ouro branco’, que financiou parte da urbanização da cidade [...]” (2000, p. 51). Atualmente, parte do capital acumulado por essa elite local, tem-se fundido nas últimas décadas com investimentos externos de grupos empreendedores de fora da região Nordeste e até mesmo do país.

O segundo critério apontado por Corrêa para se estudar uma cidade média é a localização relativa. Dessa forma, deve dispor de expressiva localização, “constituindo-se em foco de vias de circulação e efetivo nó de tráfego” (2007, p. 30), pois, explica o autor:

É esta localização uma herança do passado, resultado de um modo mais atrasado de circulação, submetido à conformação do relevo e das vias fluviais, ou ainda do movimento dos avanços e paradas de linhas ferroviárias, criando “ponta de trilhos” (gateway cities), ou é parte dos empreendimentos realizados por um grupo social que, simultaneamente tornava-se elite ou reforçava essa posição? (CORRÊA, 2007, p. 30).

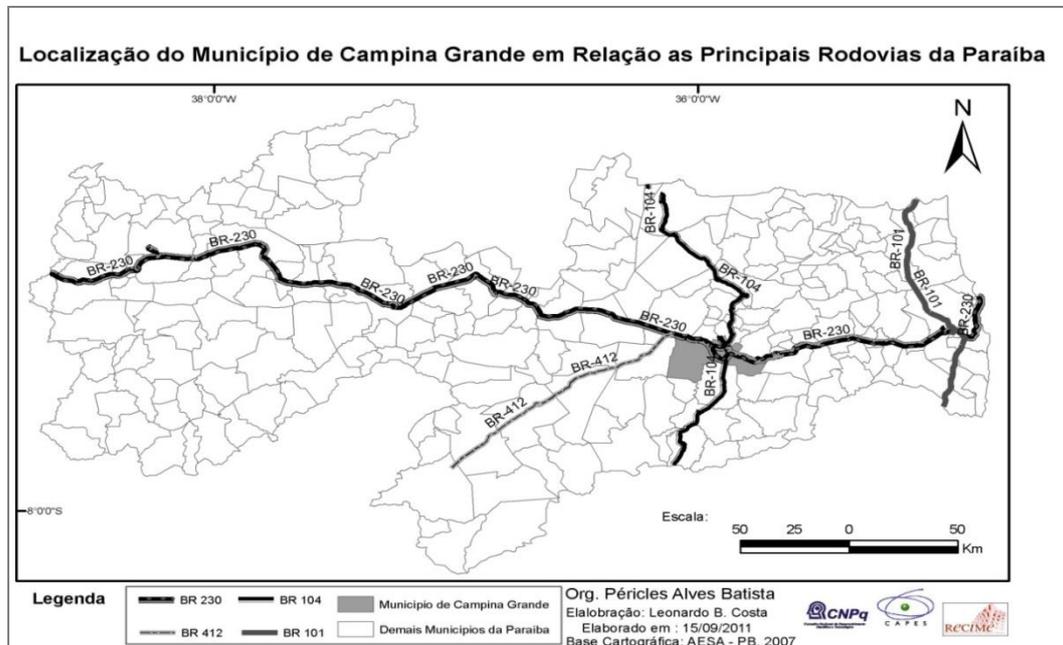
No caso específico de Campina Grande, durante muito tempo a cidade passou a se beneficiar da função de “nó rodoviário”, além de também se constituir como “ponta de trilhos” e “boca do sertão”, o que ajudou a consolidar a sua posição de capital regional. Ainda sobre a localização relativa da cidade, Costa (2003, p.42), afirma que “geograficamente bem localizada no entroncamento das mais importantes estradas paraibanas, atendia a vasta hiterlândia com rarefação de vias de circulação, seu comércio algodoeiro já apresentava importância no início do século XIX [...]”.

Essa destacada posição geográfica não se resume ao território paraibano, mas também às principais cidades e capitais nordestinas, com as quais se estabelece fluxos por meio de transportes rodoviários e ferroviários. No que diz respeito às duas principais rodovias que cortam Campina Grande, podemos citar as BR 230 e 104, que se interligam com outras importantes rodovias da região Nordeste (Figura 1).

A BR-230 parte da cidade de Cabedelo, PB, na direção leste, passando por João Pessoa e indo até o extremo oeste do estado, formando depois a rodovia Transamazônica. Ainda em João Pessoa, a BR-230 interliga-se com a BR-101, que oferece acesso tanto a Natal como a Recife. A ligação com cidades do interior de Pernambuco e até a Bahia, estabelece-se a partir da BR 230 no entroncamento com a BR 412, a 30 Km de Campina Grande, na *Praça do Meio do Mundo*. Já a BR-

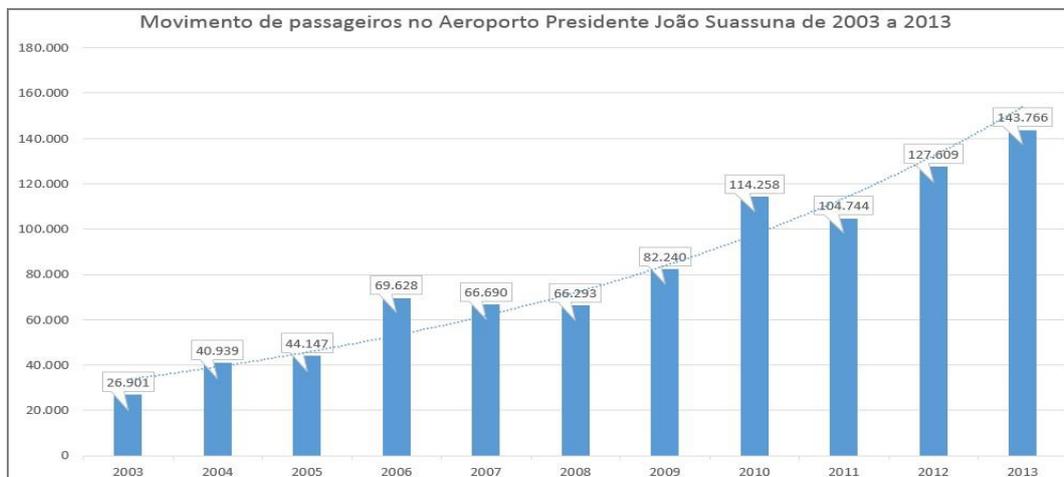
104 encontra-se no sentido nordeste-sudeste e interliga Campina Grande a importantes cidades do interior do Rio Grande do Norte e de Pernambuco.

Figura 1



Fonte: ReCiMe - Equipe Campina Grande/PB (2011).

No que diz respeito às ligações aéreas locais, o “Aeroporto Presidente João Suassuna”, em Campina Grande, apresentou um aumento considerável no seu fluxo de passageiros. Esse fato pode ser constatado através dos dados da INFRAERO (2014), ao revelar que o aeroporto campinense teve nos últimos dez anos um crescimento de passageiros de 534%, no período de 2003 a 2013.



Fonte: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária/ INFRAERO (2014) - Adaptação Própria.

Por fim, o terceiro e último critério destacado por Corrêa (2007) refere-se às interações

espaciais, que, segundo o autor, trata-se de um dos mais fecundos para construção desse quadro teórico sobre a cidade média. Consiste na conexão à rede global, que se realiza em duas escalas espaciais: a escala regional e a escala extra-regional, tanto do ponto de vista nacional como internacional.

Analisando Campina Grande, percebemos que essa conexão à rede global ocorre a partir da produção tecnológica, principalmente *softwares*, que é exportada para vários países, da comercialização do algodão colorido, do intercâmbio de pesquisas e atividades acadêmicas através das instituições de ensino e pesquisa nela localizadas e de instalações de empresas multinacionais nas últimas décadas. A cidade apresenta, ainda, características variadas, que definem seu espaço como sendo uma cidade média de fato.

Entre essas características, tem-se a presença dos novos ramos de atividades econômicas e dos novos agentes econômicos recentemente instalados na cidade, a sua atual dinâmica populacional, o mercado de trabalho, os novos equipamentos e infraestruturas, assim como as condições de moradia.

Sendo assim, não resta dúvidas de que Campina Grande encontra-se qualificada como uma cidade média atual, por reunir elementos variados que fundamentam essa definição. Ou seja, possui há algum tempo uma elite empreendedora, desfruta de excelente localização relativa e conta com interações espaciais complexas. Em face do exposto, a nossa pesquisa analisa a realidade urbana de Campina Grande enquanto cidade média, buscando entender, mais especificamente, sua centralidade intraurbana.

### **3. ALGUMAS NOTAS SOBRE CENTRALIDADE**

É necessário esclarecer que não é possível discutir isoladamente a formação de novas áreas de centralidade sem antes tratar propriamente do centro principal de uma cidade, aqui o de Campina Grande. Em outras palavras, não é possível entender o processo de formação de novas áreas de centralidade sem, primeiramente, nos remetermos a uma análise urbana espacial, que se inicia no “Centro Primaz” ou “Centro Tradicional” ou, simplesmente, “Centro”.

Sobre a questão da centralidade, Lefebvre (2008, p.85) afirma:

A centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de decisão etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a uma outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que ele exclui e expulsa para as periferias.

A discussão sobre centralidade na Geografia teve início a partir da teoria sobre as localidades centrais, formulada por Walter Christaller em 1933, a partir de um estudo de caso no Sul da Alemanha (DONNE, 1983, p. 125). Desde então, essa teoria vem sendo debatida e rediscutida por autores de várias partes do mundo. No Brasil, podemos citar a contribuição dos professores Milton Santos (1958, 1979) e Roberto Lobato Corrêa (2010).

Em linhas gerais, podemos dizer que a teoria das localidades centrais trata da importância dos centros urbanos enquanto locais de distribuição varejista e de prestação de serviços para uma população residindo fora dos seus limites. Essa teoria durante muito tempo foi utilizada na maioria dos trabalhos sobre as redes urbanas, e por sua vez, foi tomada como modelo por geógrafos e por economistas de inspiração neopositivista (GOTTDIENER, 1997, p. 50). Atualmente, a teoria das localidades centrais parece não mais resistir à nova realidade produzida pela globalização, necessitando uma nova discussão e atualização. Assim, é preciso repensá-la, como propõe Corrêa (2010).

Atualmente, com o processo de redefinição da centralidade<sup>4</sup>, sucederam-se mudanças bruscas em escala global que modificaram profundamente a dinâmica econômica e espacial urbana, redefinindo áreas como o centro das cidades, além de aumentar a participação do comércio e do setor terciário<sup>5</sup>. Esse processo está relacionado à reestruturação urbana. De acordo com Edward Soja, o conceito de reestruturação urbana em seu sentido maior, trás uma idéia de ruptura. Nas palavras do autor:

Evoca, pois uma combinação seqüencial de desmoronamento e reconstruções, de desconstrução e tentativas de reconstituição, provenientes de algumas tendências ou perturbações nos sistemas de ação e de pensamento aceitos. (SOJA, 1993, p. 193).

Dentro dessa concepção, afirma-se que o processo de reestruturação urbana está inserido dentro do processo de produção do espaço, através da acumulação do capital. Sendo assim, sucederam-se mudanças bruscas em escala global, que modificaram profundamente a dinâmica econômica e espacial urbana, redefinindo assim áreas como o centro das cidades, além de aumentar a participação do comércio e do setor terciário.

Nesse contexto, esse setor da economia ganha importância por ser o setor do comércio e dos serviços, que engloba as atividades que estão na esfera da circulação, da distribuição e do consumo.

---

<sup>4</sup>De acordo com SPOSITO (2001; p. 238) “A centralidade é redefinida continuamente, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos fluxos que desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das idéias e dos valores.”

<sup>5</sup>De acordo com SANTOS (2008, p. 200), “A noção de atividade terciária é uma herança direta da divisão tripartite da economia, proposta por Colin Clark (1957), quando apresentou a existência de três setores da economia - primário, secundário e terciário - e os delimitou formalmente.”

Essas atividades emergiram claramente nas últimas décadas nas cidades brasileiras e a partir da ascensão do setor terciário na economia, os espaços urbanos começaram a passar por reformulações internas.

O aumento da importância econômica do setor terciário, justifica-se, em parte, pela emergência de variadas atividades comerciais nas últimas décadas nas cidades. Isso em parte é resultado da ampliação das classes médias, que segundo Santos (2000), é uma característica atual do processo de globalização. Para esse autor, o próprio aumento das classes médias no Brasil, pode ser definido como uma “explosão”, primeiro nas grandes cidades e depois nas cidades menores. Sendo assim, “[...] a explosão das classes médias acompanha, neste meio século, a explosão demográfica, a explosão urbana e a explosão do consumismo e do crédito” (2000, p. 135). Dessa forma, a partir da ascensão do setor terciário na economia, as cidades começam a passar por reformulações e/ou reestruturações urbanas internas.

Ainda sobre a ideia de reestruturação urbana, Whitacker (2003, p.124), afirma que “... devemos compreender a cidade como uma articulação entre localizações, sem nos esquecermos que novas localizações “mexem” com a estrutura do restante da cidade.” Ainda para esse autor, a reestruturação urbana pode ser o “processo de articulações dinâmicas das localizações, que alteram uma situação pré-existente, no atual estágio”.

Sendo assim, as intensas transformações pelas quais as cidades, bem como a vida urbana, vêm passando nos últimos tempos refletem o processo de reestruturação urbana. Entende-se a estrutura urbana a partir do processo histórico que a constitui e que, segundo Lefebvre (2001), é determinado por continuidades e descontinuidades, estruturações e desestruturações, evoluções e revoluções no tempo. Nas palavras do autor:

[...] a Cidade passou por períodos críticos. Desestruturações e reestruturações se sucedem no tempo e no espaço, sempre traduzidas para a prática, inscritas no prático-sensível, escritas no texto urbano, mas provenientes de outro lugar: da história ao devenir. (LEFEBVRE, 2001, p. 60).

Nesse contexto, ao saber que o surgimento de uma nova área de centralidade ocorre geralmente com o processo de desdobramento do centro principal, a partir da implementação de atividades comerciais variadas (sejam do circuito inferior ou do superior), é que pretendemos analisar a formação de “novas áreas” de centralidade em Campina Grande nesses eixos, aqui entendidos como prolongamentos do centro principal.

A expressão “novas áreas” de centralidade aqui utilizada, remete as colocações feitas por TOURINHO (2006), quando afirma que não existem “novas centralidades”, já que não há “velhas

centralidades”. Ou seja, nas palavras dessa autora, “O que há de fato são “novas áreas” de centralidade e novos sistemas de produzir centralidade diferentes da sistemática tradicional associada ao Centro”. (2006, p. 291).

No que diz respeito ao processo de desdobramento do centro, especificamente no caso das cidades médias, tal expansão interna está ligada a especialização funcional que ocorre através do espraiamento dessas atividades tidas como centrais, para áreas contíguas ao centro original. (WHITACKER, 1997).

Contudo, antes de adentrarmos na discussão do processo de descentralização que impulsiona a formação desses eixos de desdobramentos em Campina Grande, é preciso expor e entender a dinâmica do seu centro tradicional ou, ainda, o seu processo de centralização.

#### **4. ASPECTOS GERAIS SOBRE O CENTRO DE CAMPINA GRANDE**

Ao iniciar este tópico, procuraremos mostrar a significativa importância que exerce o Centro de Campina Grande, muito embora já se constate nesse espaço a manifestação do processo de descentralização que vem passando a partir do deslocamento de algumas atividades. Não obstante, não se pode desconsiderar que essa área ainda apresente uma forte centralidade, tanto do ponto de vista comercial como no que diz respeito à prestação de serviços. Para isso, torna-se necessário uma alusão histórica para entender a formação do centro tradicional<sup>6</sup> de Campina Grande.

A esse respeito, de acordo com Maia (2009, p. 793), em “As ruas da cidade tradicional: a morfologia do centro de uma cidade média”, comentando sobre a origem da cidade de Campina Grande, ressalta a importância de sua posição geográfica (ou localização relativa), que se constituiu em movimentado entroncamento de caminhos que conduziam os tropeiros que transportavam o gado e as mercadorias entre as cidades do sertão e do litoral paraibano. Essa característica fez aos poucos a então Vila Nova da Rainha<sup>7</sup> tornar-se um importante ponto comercial no interior do Nordeste.

Sobre o surgimento e a expansão do núcleo urbano de Campina Grande, a autora diz que “a cidade erguida desde a sua origem [...] se constitui como uma única centralidade, de forma integrada, até as primeiras décadas do século XX” (MAIA, 2009, p. 794). A autora acrescenta que a primeira expansão do “núcleo primaz”, ocorre em torno da igreja matriz “a partir de caminhos e ruas que vão sendo abertos, impulsionados pela atividade mercantil” (2009, p.795).

---

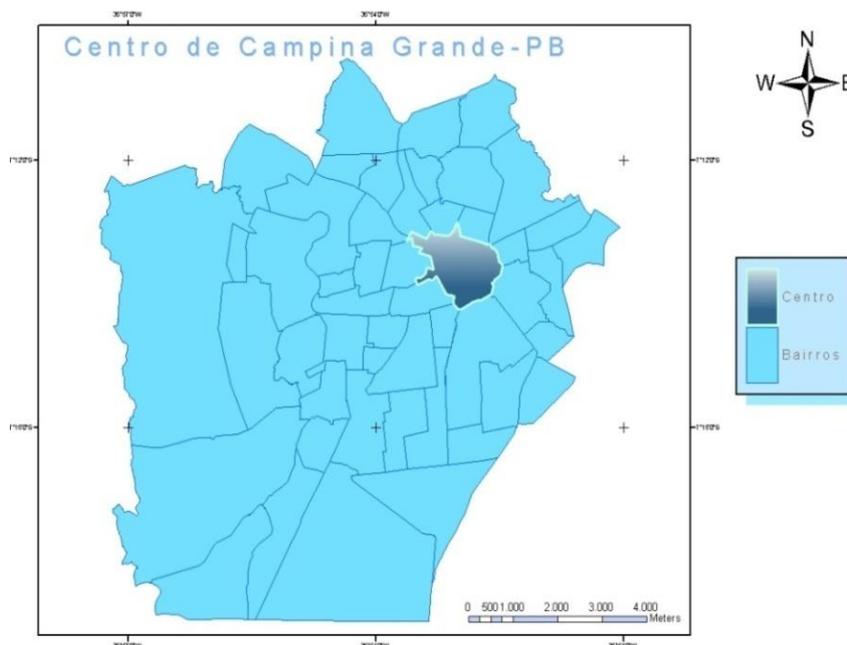
<sup>6</sup> De acordo com Maia (2009, p.180), “O termo tradicional, portanto, remete-se à porção da cidade que partia do seu núcleo primaz e apresentava uma morfologia compactada em torno desse núcleo”.

<sup>7</sup> Primeiro nome que Campina Grande teve na condição de vila.

Posteriormente, em consequência do impulso da economia algodoeira, a concentração de capital permitiu à administração municipal a execução de uma grande reforma urbanística no Centro da cidade, ocorrida entre as décadas de 1930 e 1940. Segundo Maia (2009, p. 192), “Tal reforma atingiu diretamente as ruas principais da cidade, aquelas que representavam a sua primeira morfologia. Foram abertas largas avenidas como a Floriano Peixoto e outras ruas foram alargadas, calçadas e iluminadas”.

No caso específico de Campina Grande, outros elementos ajudam a explicar a formação do Centro dessa cidade, como a ocorrência da feira livre. Ainda hoje, sua Área Central apresenta boa parte da localização no seu sítio histórico, ou seja, no local onde a cidade teve origem. Atualmente, esta área encontra-se delimitada como Bairro pela Prefeitura Municipal, como mostra o (Mapa 1).

**Mapa 1**



**Fonte:** ReCiMe - Equipe Campina Grande/PB. Base Cartográfica da SEPLAN/CG.  
Organização e elaboração: Kauê Rolim - Equipe ReCiMe – Campina Grande. 05/2009.

Já na segunda metade do século XX, sobretudo a partir da década de 1960, Campina Grande começa a passar por um processo lento de descentralização de algumas atividades industriais, comerciais e de serviços (COSTA, 2003). Este autor cita vários fatos que marcaram a reorganização do espaço urbano campinense, principalmente a descentralização de algumas dessas atividades nas últimas três décadas.

Ainda a esse respeito, Costa (2003) e Maia (2009) comentam sobre o início da descentralização das atividades industriais, que ocorre a partir das ações da Superintendência de

Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), nos anos 1960, o que resultou em meados dessa década, na criação do distrito industrial em áreas periféricas da cidade.

Posteriormente, na transição das décadas de 1970 para 1980, ocorre de forma lenta a descentralização do comércio campinense, processo que se acentua a partir dos anos 1990. Também merece destaque, sobretudo a partir dos anos 1980, e mais intensamente nos anos 1990, a descentralização das atividades médico-hospitalares na cidade, que, aos poucos, se transferem do Centro para a Prata, bairro contíguo ao centro tradicional. Atualmente, é visível nesse bairro a concentração de clínicas, consultórios médicos, farmácias e laboratórios de análises clínicas. Muitos desses empreendimentos, quando não se transferiram definitivamente do centro tradicional para o bairro da Prata, passaram a abrir filiais nesse bairro.

Tal especialização funcional tem mudado a configuração urbana do bairro em virtude da aquisição de algumas residências de classe média, adaptadas para funcionar como clínicas e laboratórios. Além disso, observamos a construção de alguns edifícios tipo empresariais para sediarem consultórios ou centros médicos. Essas edificações, com uso específico de serviços médicos, convivem ao lado dos edifícios residenciais de alto padrão. Entretanto, a mudança no uso do solo do bairro da Prata é evidente.

Ainda com relação ao centro de Campina Grande, principalmente no que diz respeito às mudanças contínuas que essa área passou ao longo da história da cidade, merece destaque, a partir da década de 1970 e mais intensamente na década de 1980, as ações do Projeto CURA (Comunidade Urbana para Renovação Acelerada), projeto instituído pelo Conselho de Administração do Banco Nacional de Habitação (BNH). O projeto CURA, promovido pelo governo federal tinha por finalidade investir em equipamentos urbanos e efetuar obras de infraestrutura. Sobre a execução desse Projeto Urbano em Campina Grande, Lima (2004) escreve:

Destarte, as grandes obras de infra-estrutura, implantadas na área do CURA de Campina Grande, promoveram a valorização do setor urbano, a medida que organizou a área central da cidade, retirou do centro da cidade a população “excedente”, modificou a rede viária central e expandiu, consideravelmente, o tecido urbano. (LIMA, 2004, p.249).

A partir das considerações do autor supracitado, percebe-se que as ações do Projeto CURA no Centro Tradicional de Campina Grande, contraditoriamente, tiveram efeito inverso ao esperado. Ou seja, ao invés proporcionar melhorias sociais, aumentou significativamente a especulação imobiliária no local.

Todavia, o processo de descentralização de algumas atividades aglutinadas no Centro

continua durante toda década de 1990. Sendo assim, este conjunto de ações, vão lentamente modificando as características originais do centro de Campina Grande, constituindo posteriormente a formação das novas áreas de desdobramento do centro.

De modo geral, essa questão das operações imobiliárias, ocorridas nas cidades brasileiras a partir dos anos 1980, bem como sua relação com a formação de novas áreas de centralidade é tratada por Tourinho (2006), quando afirma:

[...] as novas áreas de centralidade, de caráter fragmentado, criadas após os anos 1980 fora do centro expandido, como resultado de fortes operações imobiliárias e urbanísticas, ou ainda, dentro dele, como produto de operações de revitalização urbana. (TOURINHO, 2006, p. 279).

Outra característica do processo de descentralização pelo qual passa o Centro e a Zona Periférica do Centro<sup>8</sup> de Campina Grande é do comércio automotivo. Tradicionalmente, o comércio de veículos automotores na cidade encontrava-se concentrado no Centro ou no seu entorno, principalmente nas ruas João Suassuna, Eptácio Pessoa, Antenor Navarro, Raimundo Alves da Silva e Quinze de Novembro. Porém, recentemente, algumas lojas de veículos, que até então se encontravam localizadas próximas ao Centro, passaram a abrir filiais no bairro do Catolé, mais especificamente na avenida Severino Cabral.

Acreditamos que a presença dessa especialização tem efeito direto sobre a transformação pela qual o bairro do Catolé passa atualmente que, associado a outros bairros vizinhos, esteja impulsionando o processo de formação de uma nova área de centralidade no entorno do *shopping center*, ora em estágio inicial.

É necessário ainda esclarecer que não é possível discutir isoladamente a formação de uma nova área de centralidade sem antes falarmos propriamente do centro tradicional de uma cidade, aqui, o de Campina Grande. Em outras palavras, não é possível entender o processo de formação de novas áreas de centralidade sem, primeiramente, nos remetermos a uma análise urbana espacial, que se inicia no centro tradicional.

Portanto, em Campina Grande, mesmo com a ocorrência do processo de descentralização nos últimos tempos, mesmo assim, a centralidade ainda se expressa no Centro dessa cidade, apresentando uma importância considerável. Ainda sobre a análise do Centro de Campina Grande, Maia (2009, p. 181) diz: “Contudo, vale ressaltar a grande dinâmica e mesmo centralidade do seu núcleo primaz, apesar da existência de novos subcentros”.

No que diz respeito à alocação de atividades comerciais e de serviços no prolongamento dos

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada por Correa (1989) para designar a área que se localiza no entorno do núcleo central de uma cidade.

eixos viários, Spósito (1991) e Cordeiro (1980), usam o termo “desdobramento da área central”, para se referir a novas áreas de centralidades em que ocorrem atividades caracteristicamente típicas do Centro; podendo, ocorrer em alguns casos até a especialização comercial dessa área, formada para uma clientela específica.

Essa discussão nos leva a afirmar que, muito embora Campina Grande tenha passado na última década por um processo lento de descentralização da sua atividade terciária, sobretudo a partir da implantação do seu principal *shopping center* e da expansão de novos eixos comerciais afastados da Área Central, o seu centro tradicional ainda congrega a maior parte do comércio e dos serviços prestados, sendo o ponto de encontro de fluxos diferenciados.

Com o aprofundamento teórico-metodológico, a tendência dessa pesquisa no futuro é realizar um levantamento do uso do solo urbano tanto na Área Central de Campina Grande, bem como nos novos eixos de desdobramento do centro principal, ou seja, as Avenidas Manoel Tavares, Elpídio de Almeida, Juscelino Kubitschek, Floriano Peixoto e Dom Pedro II. Esse levantamento empírico consistirá em identificar e contabilizar o número de estabelecimentos comerciais e de serviços, terrenos e residências nessas duas áreas distintas que se inserem ao mesmo tempo nos dois circuitos da economia urbana.

## **5. EIXOS DE DESDOBRAMENTO DO CENTRO E O CIRCUITO SUPERIOR**

Com base nas ideias anteriormente expostas, entendemos que o processo de formação e expansão de novos eixos de desdobramentos do centro principal de Campina Grande, representa um indicador para a análise da redefinição da sua centralidade intra-urbana. Assim, buscamos analisar a importância de algumas vias que ligam a Área Central a outras áreas mais distantes, e que mesmo assim, ainda vem representar uma nova redefinição da expressão de centralidade em questão. Segundo Tourinho (2006):

O processo de *desdobramento* do centro deve ser entendido como o ato que envolve a formação de novas unidades que se valem de elementos daquelas já existentes. Assim, desdobrar é estender desenvolver, é o prolongamento no espaço e no tempo da mesma coisa. (TOURINHO, 2006, p. 292).

Dessa forma, entendemos que nas vias Manoel Tavares, Severino Cabral, Elpídio de Almeida, Juscelino Kubitschek, Floriano Peixoto e Dom Pedro II, estão se constituindo novos eixos de desdobramento do centro principal. Ao saber que o desdobramento dessas vias, ocorre como um prolongamento do seu centro principal é que entendemos a importância de estudá-lo, levando em

conta a teoria dos dois circuitos da economia urbana.

Como já foi discutido no tópico anterior, o Centro de Campina Grande não perdeu totalmente sua característica de centralização, muito pelo contrário, ainda atrai e concentra inúmeras atividades econômicas. Inclusive, dialeticamente, em outros determinados tipos de atividades e serviços, este Centro vem concentrando ainda mais importância do que antes.

Villaça (1998, p. 247), tratando da questão dos centros principais, relacionando-os ao porte das cidades, afirma que quanto “menor a metrópole, maior a parcela de seus empregos terciários localizadas no centro” e complementa este raciocínio sobre as cidades médias, ao afirmar que “Numa cidade de 100 ou 200 mil habitantes, a participação dos empregos terciários centrais pode chegar a 70% ou 80 %”.

Tal afirmação, relacionada aos centros urbanos, leva em consideração a estrutura urbana que ajuda a entender as lógicas da divisão social e territorial do trabalho. Assim, o centro principal (ponto de convergência geral), passa a expressar maior complexidade ao reproduzir as diferenças socioeconômicas, através do processo de desdobramento com novas áreas de especializações.

Este é o caso de Campina Grande, pois, muito embora a cidade tenha passado nos últimos tempos por um processo de descentralização de suas atividades terciárias, com a expansão de algumas vias comerciais e de serviços, seu centro principal ainda concentra a maior parte dos serviços prestados e do comércio, sendo o *locus* do cruzamento de vários fluxos. Sobre essa questão, Maia (2009) afirma:

Na verdade, o centro principal da cidade de Campina Grande não corresponde a uma área estagnada ou esquecida, muito embora já se vislumbre as alterações provocadas pelo surgimento das novas centralidades em outras localidades. (MAIA, 2009, p.193).

Dessa forma, Campina Grande, mesmo apresentando indícios do processo de descentralização, particularmente em alguns tipos de serviços, apresenta um Centro que ainda exerce forte influência para a cidade como um todo e também para cidades localizadas na sua área de influência.

Sobre a noção de subcentro, Villaça (1998, p. 293) esclarece que a expressão subcentro é designada para “aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços, que não o centro principal”. E acrescenta que “O subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar”.

Ainda segundo o autor, o conceito de subcentro “[...] é empírico, mas tem havido certo consenso quanto a alguns estabelecimentos, como lojas de departamento, filiais de lojas do centro, profissionais liberais, cinemas e restaurantes” (1998, p. 294).

Os subcentros se desenvolvem lentamente por serem, de início, estabelecimentos comerciais de pequeno porte, ou seja, pertencentes a proprietários locais e que atendem a uma população restrita, daí geralmente sua formação inicial pode muitas vezes está ligada tanto ao circuito inferior, como ao superior. Sendo assim, o subcentro difere do centro tradicional (ou principal), que além da sua localização, atende a uma população menos abrangente e mais homogênea.

A partir do desenvolvimento dessas áreas, passam a se instalar, aos poucos, filiais de estabelecimentos que estão no centro principal (daí, segundo alguns autores, a expressão “réplicas”). Dessa maneira, entendemos que o surgimento dos subcentros está ligado a estruturação do espaço urbano. Contudo, de acordo com o aumento da área, há uma introdução de capitais externos que modificam as lógicas de atuação e geram uma redefinição na forma urbana e na expressão de centralidade do subcentro. É a partir daí que a consolidação de um subcentro está relacionada ao “circuito superior da economia”, (SANTOS, 2008).

Ainda tratando dessa questão, compreendemos a maneira como ocorre nesses espaços (eixos de desdobramento do centro principal) a conexão à rede global, tendo em vista, sobretudo na última década, a instalação de lojas, bancos e supermercados pertencentes a empresas multinacionais. Esse fato configura a presença dos novos ramos de atividades econômicas e dos novos agentes econômicos recentemente instalados na cidade (Figura 2).

Dessa forma, constata-se a alocação de novos estabelecimentos comerciais de capital externo como bancos, supermercados e lojas de franquias nas vias de circulação já mencionadas. Sendo assim, o surgimento de novas áreas de centralidade nesses espaços, pode ser entendido como parte do desdobramento do centro principal, a partir da sua descentralização territorial, que ocorreu através da realocação de alguns estabelecimentos que antes estavam concentrados no Centro, como também a partir da recente instalação de novos empreendimentos.



Essa explicação para o fenômeno da nova centralidade, pode ser entendida a partir da teoria de Berry (1968) *Apud* Gottdiener (1997), ao afirmar que o processo de descentralização ocorrido nas últimas décadas nas cidades fez surgir novas formas espaciais, a exemplo dos subcentros comerciais (planejados ou espontâneos), áreas especializadas e eixos comerciais.

No caso específico de Campina Grande, isso se explica, em parte, pelos novos empreendimentos de capitais de médio e grande porte que migraram do Centro para esses eixos. Isso também pode ser explicado, em parte, pelo aumento demográfico e econômico da cidade, que não permitia mais a concentração de todo o comércio no centro tradicional.

Tal fato coincide com as palavras de Maia (2009, p. 180): “Outro fato marcante a esse respeito são as instalações dos *shoppings centers* e hipermercados em localizações servidas por vias expressas, estabelecendo novas polaridades no espaço urbano”, ou, ainda, com as palavras de Pintaudi (1999, p. 157), ao afirmar que “os hipermercados e os *shoppings centers* são os lugares que melhor traduzem a nova centralidade para a troca de mercadorias”.

Nesse contexto, analisando especificamente o caso de Campina Grande, compreendemos que a formação dos eixos de desdobramentos do centro principal, representa de fato a formação de novas áreas de centralidade. Isso significa que, muito embora o Centro de Campina Grande ainda exerça uma forte centralidade e represente a área de maior dinamismo e concentração de atividades de comércio e serviços, podemos perceber que desde a última década, outras áreas além do Centro têm passado por mudanças bruscas no uso do solo urbano, configurando de fato novas centralidades.

## 6. ANÁLISE DO CIRCUITO INFERIOR NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE

De acordo com Santos (2008), em “Espaço dividido”, o circuito inferior diz respeito às atividades ligadas ao setor popular da economia urbana, como por exemplo, artesãos, ambulantes, pequenos comércios ou pequenos empreendimentos de capital local. Estas atividades, na maioria das vezes, encontram-se distantes da modernização, da tecnologia e do grande capital.

Para melhor analisar algumas características específicas do circuito inferior da economia na cidade de Campina Grande, resolvemos abordar nesse tópico apenas a parte do seu centro tradicional, com ênfase em algumas de suas principais ruas comerciais. Sendo assim, a área que foi visitada na nossa pesquisa de campo, diz respeito às ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Marquês do Herval, Irineu Joffily e avenida Floriano Peixoto. Outra área do Centro visitada para nos ajudar a compreender algumas características do circuito inferior, foi a Feira de Campina Grande<sup>9</sup>.

No que diz respeito ao comércio informal na Área Central da cidade, Costa (2003, p. 76), comenta sobre “A invasão das ruas centrais pelos camelôs, que nos anos 1980 causavam problemas aos comerciantes locais e era destaque na imprensa campinense, nos anos 1990 intensificou-se mais ainda [...]”. Nesse período, em muitos casos, a maioria das lojas era obrigada a conviver com a concorrência dos vendedores informais, que também disputavam espaço nas calçadas com os pedestres.

Porém, no início dos anos 2000, o poder público local inicia o processo de “revitalização do centro”, alocando parte desses comerciantes para outros espaços cedidos pela Prefeitura, como veremos adiante. É a partir desse momento em que muitos destes comerciantes tornam-se formalizados, ou seja, deixaram a condição de vendedores informais, a partir do momento em que foram estabelecidos em espaços fixos cedidos pela Prefeitura Municipal. Essa diferença é mostrada por Santos (2008), ao distinguir o comércio informal e o circuito inferior da economia.

Ainda no que diz respeito a esta política de “revitalização”, Costa (2003, p. 83), mostra que “Quanto aos demais comerciantes “informais” que não foram relocados, estando desterritorializados, procuraram a rua João Pessoa, sob o protesto dos comerciantes locais”. Esta situação perdura até os dias de hoje (Figura 3). Diferentemente da rua João Pessoa, outras ruas comerciais do Centro, como é o caso da Maciel Pinheiro (Figura 4), tem a fiscalização mais efetiva do poder público, muito embora durante os finais de semanas estas vias fiquem repletas de camelôs.

No que diz respeito aos novos espaços cedidos pela prefeitura municipal no início dos anos 2000 aos ex-ambulantes, chamamos atenção para a presença variada de pequenas lojas em galerias,

---

<sup>9</sup> Para maiores informações a esse respeito, consultar COSTA (2003).

que proliferam na Área Central. Essas galerias ou pequenos centros de comércio, em alguns casos, apesar de seu pequeno porte, acabaram ganhando a denominação de “*Shopping Center*”. Certamente pelo que representa a terminologia, uma simbologia do moderno na cidade e mais especificamente no que se refere à dinâmica comercial, é que esses pequenos pontos comerciais, reunidos num mesmo local, passaram a ter essa denominação, como forma de elevar o seu *status* comercial.



**Figura 3-** Pedestres e camelôs disputam espaço nas calçadas. Rua João Pessoa – Campina Grande.  
Fonte: Pesquisa de Campo: 25/11/2013.  
Foto: Péricles Alves Batista.



**Figura 4-** Vendedor expõe seus produtos na calçada em dias de final de semana. Rua Maciel Pinheiro – Campina Grande.  
Fonte: Pesquisa de Campo: 25/11/2013.  
Foto: Péricles Alves Batista.

É o caso do “Shopping Popular Edson Diniz”, localizado no Centro de Campina Grande. Trata-se, na verdade, de um camelódromo criado em 2002 pelo poder público municipal, na tentativa de resolver a problemática dos vendedores ambulantes, que, como já dito anteriormente, comercializavam suas mercadorias livremente em várias ruas do Centro. De acordo com Corrêa:

A transição do comércio varejista do circuito inferior para o superior constitui-se em questão interessante. Pode se dar por meio da intervenção do Estado que organiza uma área onde os vendedores de rua estão concentrados, vendendo os seus produtos em barracas padronizadas. São os “camelódromos”, localizadas em áreas de comércio popular. (2000, p. 7).

Nas palavras de Silva (2006, p.176), “tal fato reforça o entendimento da centralidade para a cidade da sobrevivência com maior força e expressão no Centro Principal, o que contribui para a explicação da localização dos camelôs e do ‘Camelódromo’”. Este é o caso da prefeitura municipal de Campina Grande, que desapropriou quatro áreas do centro da cidade com o objetivo de alocar o comércio informal. Entre essas áreas, conhecidas por ARCAS<sup>10</sup>, situadas ao longo da avenida

<sup>10</sup> Sigla que significa: Área comercial e cultural ao ar livre. Originalmente, o projeto da prefeitura tinha por objetivo adequar esses espaços públicos para a prática de atividades comerciais e culturais em horários diferentes. No entanto, a parte das atividades culturais ficou apenas no papel.

Floriano Peixoto. Além das ARCAS, o espaço com ex-comerciantes informais de maior destaque é o que funciona no antigo prédio das Lojas Brasileiras (LOBRAS), que foi adquirido e reformado com a finalidade de abrigar parte dos ambulantes do Centro e que recebeu a denominação de “Shopping Popular Edson Diniz” (Figura 5).



Com a criação desse centro de comércio popular, os vendedores locais têm o seu próprio espaço de comércio informal no Centro da cidade, em uma área bastante privilegiada. No prédio, são ao todo três pavimentos divididos em boxes destinados à comercialização de mercadorias diversas, entre as quais: roupas, óculos, relógios, aparelhos de celular, CDs e DVDs, jogos de *video game* etc. Percebe-se que a maioria desses produtos é de origem duvidosa (contrabando ou pirateados).

Porém, estes espaços de comércio criados pelo poder público municipal, atualmente já não conseguem comportar todo o comércio informal da cidade, haja vista a grande ocorrência de ambulantes comercializando livremente suas mercadorias e apropriando-se das calçadas das principais ruas do Centro de Campina Grande. Isto ocorre com maior intensidade durante os finais de semana, sobretudo, quando não há uma fiscalização mais rígida por parte do poder público local.

Outros exemplos de galerias comerciais no Centro de Campina Grande, chamadas de “*shoppings*”, são os casos do “Babilônia Center”, “Maanaim Center e o “Shopping Campina Grande”. Esses empreendimentos, diferentemente do “*Shopping Edson Diniz*”, não foram criados com o intuito de alocar ambulantes. Pelo contrário, os dois primeiros são de propriedade privada, enquanto que o terceiro pertence ao poder público municipal.

O “Babilônia Center”, situado na rua: Irineu Joffily, no Centro de Campina Grande, foi inaugurado em 2007 e tratava-se originalmente do tradicional Cinema Babilônia, um dos principais

cinemas da cidade, que encerrou suas atividades no ano de 2000. Além desse pequeno centro comercial, há outra galeria no Centro da cidade chamada “Maanaim Center”, considerada um “*shopping*” de atacado, assim como o “*Shopping Campina Grande*”.

Esses dois empreendimentos, além de terem se especializado no comércio atacadista voltado para atender o circuito inferior, localizam-se numa área que está se especializando no comércio de vestuário, no entorno do Parque Evaldo Cruz (Açude Novo). Com relação a esses centros comerciais, Santos & Silveira (2001, p. 152) afirmam que “Há, todavia, uma razão de imitação quanto de sua instalação em cidade de menor porte”.

Em face do exposto, não temos aqui a pretensão de apresentar uma conclusão definitiva, que aborde com riqueza de detalhes todas as questões relacionadas ao circuito inferior no centro tradicional de Campina Grande. Porém, mesmo tendo aqui iniciado uma breve discussão sobre esta temática, nossa intenção é ainda mais aprofundá-la com o andamento da pesquisa no futuro.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A respeito de Campina Grande, Cardoso & Maia (2007, p. 536), afirmam que “[...] a cidade conserva uma necessidade de estar sempre reafirmando a sua modernidade”. Porém, como mostrou Costa (2003), tais modernizações se fazem presentes e ao mesmo tempo desiguais na economia campinense, revelando a coexistência de setores, não segmentados entre si, mas duplamente complementares: o circuito superior e o circuito inferior.

Isto significa que, esta cidade, ao passar por mudanças bruscas na sua economia, decorrentes do atual período técnico-científico-informacional, tem revelado questões de natureza dialética. Ou seja, muito embora a cidade venha passando por intensas transformações ocorridas a partir do advento da reestruturação produtiva, inserção cada vez mais de empresas de capital externo e modificações nos processos de trabalho, com a introdução de novas tecnologias; contraditoriamente, ocorre um processo de exclusão que tem se verificado com o aumento da pobreza e do desemprego.

Como alternativa de sobrevivência, parte dos excluídos desse processo recorre ao circuito inferior, como ficou constado através da expansão do comércio informal no centro tradicional de Campina Grande. Isso sem falarmos no aumento de periferias problemáticas e perigosas, aliadas a ampliação do número de subempregos.

O Centro de Campina Grande nos últimos anos vem apresentando indícios de um processo de descentralização de algumas atividades econômicas. Mesmo assim, a cidade ainda apresenta uma

Área Central que exerce forte influência para o restante dos bairros, bem como para dezenas de pequenas cidades localizadas na sua área de influência. Inclusive, por outro lado, em alguns tipos de atividades econômicas, esse Centro apresenta a concentração de variados tipos de fluxos, até mais importantes do que antes do processo de descentralização. Isso nos leva a afirmar que esse processo de descentralização na Área Central, apresenta uma continuidade cada vez mais evidente, mas que, contraditoriamente, ao mesmo tempo, reforça-se a sua centralidade.

Ou seja, o Centro de Campina Grande mantém-se como uma área bastante dinâmica, mesmo apresentando sinais do surgimento de novas áreas de centralidade em outras partes da cidade, como por exemplo, nos eixos de desdobramento do centro principal. A partir de então, temos também constatado que essas vias recentemente têm se caracterizado pela prevalência de atividades ligadas principalmente ao circuito superior da economia, ao passo que o centro principal, apesar de existir ainda estabelecimentos comerciais e de serviços do circuito superior, ainda predomina quantitativamente e se acentua a cada dia o comércio e os serviços do circuito inferior.

Em face do exposto, o surgimento dessas áreas de centralidade, pode ser entendida como início do desdobramento do centro principal, a partir da descentralização de algumas atividades comerciais e de serviços do circuito superior, que ocorreu através da realocação de estabelecimentos que antes estavam concentrados no Centro e que foram transferidos para próximo as áreas periféricas, enquanto que na Área Central, reforçam-se os serviços e o comércio popular ligados ao circuito inferior.

## **8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANDRADE, Manuel C. de. **Geografia, Região e Desenvolvimento**. Recife: Editora Universitária, 1977.
- CARDOSO & MAIA, Doralice. S. **Cidades Médias: Espaços em transição**. Das feiras às festas: as cidades médias do interior do nordeste. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 517 – 550.
- CASTELLO BRANCO, M. L. Cidades Médias no Brasil. **Cidades Médias: Produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245 – 271.
- CORDEIRO, Helena Kohn. **O centro da metrópole paulistana: expansão recente**. 1980. 184. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, 1980.
- CORRÊA, R. L. Cidades Médias: Espaços em transição. **Construindo o conceito de cidade média**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COSTA, Antônio Albuquerque. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua**

- Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional:** a feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação de Mestrado do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE: Recife, 2003.
- DONNE, Marcella Della. **Teorias sobre cidade**. Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1983.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico do município de Campina Grande. 2010.
- INFRAERO. Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Disponível em: [<http://www.infraero.gov.br/>] Acessado em: 04/12/2014.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo, Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Tradução; Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.
- LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de campina grande (1964-1984)**. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- MAIA, Doralice S. **As ruas da cidade tradicional: a morfologia do centro de uma cidade média - Campina Grande, Paraíba, Brasil**. BAHIA Análise & Dados, Salvador, v.19, n.3, 2009.
- PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas comércio. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.) **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.143-159.
- PONTES, Beatriz Maria Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas reflexões nas cidades médias nordestinas. **Cidades Médias: Produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 327 – 346.
- SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador**. Um estudo de geografia urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1958.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. & SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, W.R da. **Para além das cidades: Centralidade e Estruturação Urbana: Londrina e Maringá**.

Tese de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Geografia da UNESP, campus de Presidente Prudente (SP): Presidente Prudente, 2006.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

SOJA, Edward W. **Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

TOURINHO, Andréa de Oliveira. **Centro e centralidade: uma questão recente**. In: Ana Fani Alessandri Carlos e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (org.). Geografia das metrópoles. São Paulo: Contexto, 2006.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

WHITACKER, Arthur Magon. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto**. 2003. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista.

WHITACKER, Arthur. Magon. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente**: uma discussão sobre a centralidade urbana. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP, 1997. (dissertação de mestrado).

Recebido em: 30 de Agosto de 2014

Aceito em: 09 de Fevereiro de 2015